

DIÁLOGOS SOBRE CIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ENTREVISTA COM RAFAEL GOMES GUMIERO

Cintia Neves Godoi¹

A presente entrevista se insere no âmbito do projeto de pesquisa “Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional”, que conduz entrevistas escritas e gravadas (em plataforma virtual) com destacados pesquisadores da Área de “Planejamento Regional e Urbano e Demografia” – Plurd – área de conhecimento científico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes –, coordenado por docentes do Programa de Mestrado/Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado e do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Regional do Centro Universitário Alves Faria.

As entrevistas escritas e virtuais objetivam: a) Compreender a trajetória histórica, social, política e econômica dos debates sobre desenvolvimento; b) Analisar as variações conceituais decorrentes da interface das diversas áreas do conhecimento na constituição do discurso científico do desenvolvimento; c) Conceber aspectos constitutivos da área da Plurd e de sua condição estratégica ao acolher programas de *stricto sensu* de “Desenvolvimento Regional”; d) Constituir registro escrito sobre a Ciência do Desenvolvimento Regional disponível ao público interessado nas questões, debates, pesquisas e conhecimentos promovidos por esta área do conhecimento.

Esta é a quinta entrevista publicada da série “Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional”. O entrevistado é o pesquisador e Professor adjunto do curso de graduação em Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional e Urbano na Amazônia (PPGPAM), do Instituto de Estudos em Desenvolvimento Agrário e Regional (IEDAR) e da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Foi coordenador do PPGPAM nas gestões 2019-2020 e 2021-2022. Possui bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais (2006-2007) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Campus de Marília. Possui mestrado em Ciência Política

¹ Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2012). Sócio-fundadora eeCoo sustentabilidade. Professora Titular do Mestrado em Desenvolvimento Regional do UNIALFA - Centro Universitário Alves Faria, Pesquisadora Funadesp. E-mail: cintia.godoi@unialfa.com.br



pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Possui doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Possui Pós-Doutorado em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atua nos seguintes temas de pesquisa: Pensamento econômico e político, com ênfase nas teses do subdesenvolvimento e teorias do desenvolvimento; Avaliação de políticas regionais com enfoque nas fontes de financiamento dos Fundos Constitucionais de Financiamento (FCFs); Processos de interiorização do ensino superior federal; e políticas urbanas com ênfase no planejamento e governança e programas de habitação de interesse social.

Para caracterizar a ciência do desenvolvimento regional produzida na atualidade, o professor Pós-doutor Rafael Gonçalves Gumiero, assim se manifesta: “Caracterizo com grandes desafios, mas com grandes oportunidades de avançarmos sob a metodologia e hermenêutica do conhecimento na área do planejamento urbano e regional. Como em todo período temporal somos vítimas do nosso contexto conjuntural político e econômico. Tivemos dois governos Michel Temer (2016-2018) e Jair Bolsonaro (2019-2022) que tentaram de todas as formas desestruturar a ciência e pesquisa no Brasil, inclusive inviabilizando o Censo 2020 por diferentes oportunidades, dada a escusa de falta de orçamento”.

A seguir, a entrevista na íntegra:

1. O professor poderia nos apresentar aspectos que considera relevantes de sua trajetória acadêmica?

Fiz o curso de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de São Paulo Júlio de Mesquita Filho, na Unesp Marília, de 2003 até 2007. Posteriormente fiz meu mestrado e doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, entre 2008 até 2015. Fui fazer meu pós-doutorado em Sociologia na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, de 2015 até 2017. Pontuaria duas experiências neste período que me fizeram enveredar para o campo da teoria do desenvolvimento e na área do planejamento urbano e regional. A primeira foi a disciplina Estratégias de Desenvolvimento, ministrada pelo professor Wilson Cano, cursada como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. E a segunda foi a ida à Comissão Econômica da América Latina e Caribe – CEPAL apresentar o artigo

O Nordeste em dois tempos: a “Operação Nordeste” e a Política de Desenvolvimento Regional do Governo Lula, nas Primeras Jornadas de Planificación Económica y Social, em 2013, em Santiago-Chile. Por fim diria que foi a minha orientadora de mestrado e doutorado, a professora Vera Cepêda, que me apresentou, me guiou e me permitiu aprofundar os estudos nestes campos temáticos.

2. Em que momento despertou no professor o interesse pela pesquisa em torno da temática do desenvolvimento?

Foi na graduação quando optei em fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre as trajetórias de desenvolvimento do Brasil e China, buscando compreender o que permitiu um país se desenvolver e o outro ainda ser posicionado como emergente dentro dos plays mundiais do comércio internacional. A partir daí fui me especializando graças aos estudos da dissertação sobre a teoria do desenvolvimento de Celso Furtado “Diálogo das teses do subdesenvolvimento de Rostow, Nurkse e Myrdal com a teoria do desenvolvimento de Celso Furtado”, do qual resultou no livro publicado em 2020, “A Teoria do Desenvolvimento de Celso Furtado Diálogos entre as Teses do Subdesenvolvimento”. O doutorado me especializei na economia regional do Nordeste, estudando os clássicos e contemporâneos do debate regional e aprofundando no entendimento das políticas e programas da Sudene em específico para o caso de Pernambuco, sobre o Complexo Industrial e Portuário de Suape. Do qual foi a base para o meu segundo livro “Política Econômica e Social do Nordeste Brasileiro: dimensões do (sub)desenvolvimento no território do Complexo Industrial e Portuário De Suape”, atualmente no prelo para ser lançado neste ano pela editora Annablume.

3. Em que ano o professor ingressou na área Planejamento Urbano e Regional e Demografia? E quais as características desta área naquele momento?

Apesar de não ter cursado mestrado e doutorado em um programa de pós-graduação na área de planejamento urbano e regional, os meus estudos foram direcionados pela literatura especializada no debate do regional do Brasil, o que permitiu formular uma tese de doutorado que no limite debate as desigualdades regionais pelo prisma da economia regional heterodoxa, proveniente da escola de

Campinas da Unicamp e dos clássicos e contemporâneos nordestinos, como Celso Furtado, Manoel Correia de Andrade, Otamar de Carvalho, Tânia Bacelar Araújo, Francisco de Oliveira, Leonardo Guimarães Neto. Foi no doutorado que me joguei de cabeça nos estudos sobre as teses destes autores(a) e me permitiu avançar no conhecimento sobre as desigualdades nordestina(s). Atualmente tenho como referências as produções intelectuais dos professores: Fernando Macedo, do Instituto de Economia da Unicamp, Carlos Brandão do IPPUR, da UFRJ, Aristides de Monteiro Neto do IPEA.

4. Antes da constituição da área Planejamento Urbano e Regional e Demografia em que áreas do conhecimento se concentravam as pesquisas e debates sobre o desenvolvimento regional?

Acredito que é uma área do conhecimento científico que nasceu plural e composta por diferentes enfoques analíticos. Não saberei precisar exatamente quais foram os(as) autores(as) que foram decisivos em sua constituição, porém me arrisco dizer que a Economia Regional, conjuntamente com a Geografia Humana e o Urbanismo foram peças chaves nesta constituição, e a Sociologia que sempre esteve preocupada em discorrer sobre os efeitos da modernização nas cidades, pós primeira Revolução Industrial, no século XVIII. Da Economia Regional talvez eu possa ser mais preciso em citar o caso dos autores da localização como Marshall, Christaller, como os autores que ponderaram que o subdesenvolvimento poderia gerar desigualdades regionais como Myrdal, Perroux, Hirschman. Subjacente à estes autores eu cito que os autores brasileiros nos anos 1950 fundamentaram a discussão pela teoria do subdesenvolvimento, tais como Celso Furtado, Romulo de Almeida, Josué de Castro, Francisco de Oliveira foram pioneiros neste debate. De lá para cá, tivemos uma segunda geração composta pelos nordestinos Otamar de Carvalho, Tânia Bacelar Araújo e a escola de Campinas, formada pelo professor Wilson Cano, com estudos direcionados à compreender a urbanização da metrópole paulista e os efeitos gerados pela concentração e desconcentração industrial no Brasil. Posteriormente, nos anos 1990 podemos elencar a terceira geração composta pelos ex-orientandos(as) do professor Wilson Cano como Carlos Pacheco, Carlos Brandão, Clelio Campolina Diniz, Maria do Livramento, Carlos Galvão que foram fundamentais para ocupar postos de policy markers em agências de

desenvolvimento regional ou de fomento à pesquisa científica, e fortalecendo o campo do desenvolvimento regional. Atualmente, a partir dos anos 2000 e 2010 tivemos novos(as) pesquisadores(as) que depositam tremendo folego neste debate dos quais ampliou-se a distribuição contribuições, mas vale destacar os professores Fernando Macedo, Aristides Monteiro Neto etc. Não posso deixar de mencionar as contribuições nos estudos regionais do Sul, provenientes das universidades comunitárias, como a UNISC, dos quais professores(as) como Rogério Silveira, Valdir Dallabrida, Virginia Elisabeta Etges, Pedro Bandeira são referências imprescindíveis.

5. Em sua perspectiva analítica, quais as diferenças entre as concepções de desenvolvimento pesquisadas, analisadas e debatidas ao longo do século até fins da década 80 em relação as pesquisas e debates do desenvolvimento regional pós anos 90 do século XX?

Vejo que houve uma mudança substancial na agenda, perpassando da questão das desigualdades tratadas pelo ponto de vista da escala regional para à dos territórios, dando ênfase nas dinâmicas locais e os efeitos do processo de acumulação de capital. Tivemos uma virada importante no tratamento da regionalização dos territórios com estudos promissores de Egler e Becker, “Detalhamento da metodologia para execução do Zoneamento Ecológico-Econômico pelos estados da Amazônia Legal”, de 1996, de modo que foi possível termos a noção do tratamento de diferentes sub-regionais pelos programas regionais. Assim como a escala passou a ser tratada pela escala sub-regional, como o exemplo trago o caso do estudo de Antônio Carlos Galvão e Ronaldo Vasconcelos “Política regional à escala sub-regional: uma tipologia territorial como base para um fundo de apoio ao desenvolvimento regional”, como texto discussão do Ipea. A professora Tania Bacela Araújo publicou um importante estudo denominado de Por uma Política Nacional De Desenvolvimento Regional, na Revista Econômica do Nordeste, em 1999, do qual avançou substancialmente no tratamento regional ao destacar as disparidades intra-regionais e esboçar o que seria a tipologia territorial da PNDR. Há outros estudos de grande importância, como as teses de Carlos Pacheco sobre a fragmentação produtiva, a continuidade dos estudos do professor Wilson Cano e do

professor Clélio Campolina ao destacaram o caso de reconcentração industrial do capital.

6. Como você caracterizaria a ciência do desenvolvimento regional produzida na atualidade?

Caracterizo com grandes desafios, mas com grandes oportunidades de avançarmos sob a metodologia e hermenêutica do conhecimento na área do planejamento urbano e regional. Como em todo período temporal somos vítimas do nosso contexto conjuntural político e econômico. Tivemos dois governos Michel Temer (2016-2018) e Jair Bolsonaro (2019-2022) que tentaram de todas as formas desestruturar a ciência e pesquisa no Brasil, inclusive inviabilizando o Censo 2020 por diferentes oportunidades, dada a escusa de falta de orçamento. Pois bem, com os Programas de Pós-Graduação, Associações Nacionais das áreas de conhecimento, revistas científicas houve escassez de recursos sendo em muitos casos zerado o saldo de orçamento anual concedido pela Capes e CNPq. Dado este contexto conjuntural tivemos uma paralisia sistêmica em alguns aspectos da nossa pesquisa científica. Por outro lado, o somatório de esforços da área de planejamento urbano e regional tem permitido pensar e reposicionar metodologias aplicadas do campo epistêmico do conhecimento para as diferentes especificidades territoriais conforme há necessidade. Cito o caso mais recente dos estudos sobre a metodologia de Celso Furtado do qual o professor Carlos Brandão é um importante interlocutor e especialista, para posicionar derivações da teoria para a aplicação em casos de estudos associados ao desenvolvimento territorial. Evidentemente Celso Furtado não é o único que permite utilizar o seu grande acervo intelectual para desdobrar da teoria para a prática, mas sinaliza um importante exemplo para compreender a transdisciplinariedade que deve ser posicionado como baliza epistêmica para aprendermos a lidar com as complexidades e deformidades provocados pelo capitalismo na sociedade. Nossa carta com maior naipes, se assim posso dizer, é relacionarmos o acervo das diferentes áreas do conhecimento que compõe a área do planejamento urbano e regional como expertise para desdobrar estudos com maior capacidade de resolução dos problemas na atualidade, o que significa dizer, que sim, temos que aprender geografia, história, urbanismo, economia, sociologia, ciência política, direito e assim por diante. O que exigirá de

nós e dos futuros profissionais maior cadência com os estudos e uma produção da ciência que permite popularizar essas formas de se fazer ciência sem renunciar à teoria e evidências empíricas da nossa sociedade, que nos cerca e permita compreender os fenômenos do mau desenvolvimento regido pelo capitalismo global nas escalas nacional, regional e local.

7. Em sua perspectiva, quais os principais desafios para a ciência do desenvolvimento regional na atualidade?

Gostaria de apontar as novas vantagens primeiro. Temos uma distribuição de programas de pós-graduação (PPGs) espalhadas pelo Brasil, apesar do maior percentual residir nas capitais e nas regiões Sul e Sudeste. Porém, avançamos com a interiorização dos PPGs na área PLURD. Acredito que seja o momento do governo federal reunir esforços para fazer uma chamamento público para que os PPGs em conjunto com as Superintendências Regionais comecem a se movimentar em torno da agenda das políticas regionais lideradas pelo Ministério da Integração e Desenvolvimento Regional (MIDR). Avançamos de forma contundente nas últimas décadas, basta citar o combo de obras que reuniram esforços significativos na nossa área do planejamento urbano e regional. De modo que é o momento de nos organizar na articulação de proposta de ação tutelado pelas escalas institucionais das Superintendências e pelo MIDR e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), sem se restringir as especificidades que estão na essência dos territórios brasileiros.

8. Quais autores ou pensadores são suporte teórico (das diversas áreas) para sua construção do pensamento na área do Desenvolvimento Regional?

É difícil te responder essa pergunta, pois temos muitos pesquisadores(as) com alta qualificação hoje no Brasil e fora dele. Mas, de forma muito sucinta citaria os que me influenciaram e que vejo que podem nos ajudar a iluminar saídas aos obstáculos do não-desenvolvimento. Cito Celso Furtado como o grande patrono e que possibilita pensarmos de forma estrutural os problemas das desigualdades regionais, inclusive com grandes pistas para sairmos desta armadilha das assimetrias intra e inter-regionais. Faço referência a uma segunda geração composta por Francisco de Oliveira, com a discussão da nossa modernização periférica e do dualismo da

economia brasileira geradora da dependência. Wilson Cano com as teses de concentração industrial, desconcentração produtiva espúria da nossa economia, do qual assistimos a integração das regiões C.O. e N.O. e N.E. ao polo industrialização de forma espúria e com os efeitos de bloqueio, competitividade e desmanche das economias locais/regionais. Tania Bacelar Araújo com a perspectiva da fragmentação produtiva e a tese de vários Nordeste dentro do Nordeste, exigindo uma perícia mais cautelosa da economia nordestina e políticas diversificadas para cada contexto sub-regional. Leonardo Guimarães Neto do qual avança sobre a formação econômica do Nordeste e interpretou os efeitos da fragmentação para a economia nordestina. Destaco Bertha Becker com o repertório sobre a expansão da fronteira agropecuária na Amazônia, com a formação da urbanização no Sul e Sudeste do Pará, com importantes saídas para a economia amazônica pela bioeconomia. Temos a geração mais contemporânea formada por Carlos Brandão, Fernando Macedo, Aristides Monteiro Neto, Francisco Costa, Edna Castro.

9. Percebe a existência de embates teóricos na área do Desenvolvimento Regional? Em quais temas?

Naturalmente que temos importantes embates entre arenas que estão debatendo o desenvolvimento regional. Eu gosto de retomar os estudos mais clássicos para buscar entender as escolas de pensamento que podem ter influenciado a geração atual, para compreendermos os termos dos debates. Eu diria que um primeiro movimento de debates foi entre Celso Furtado versus o Hirschman, Myrdal e Roberto Campos, com enfoque no debate do crescimento equilibrado versus o crescimento setorial. E, entre os intelectuais no Brasil não é diferente, cito como nota preliminar o eterno embate né entre o litoral e o interior do Brasil, pois há notórias diferenças em relação às especificidades territoriais e no limite dos problemas que geram as assimetrias. O debate irradia dos centros no qual respondem por grande parte das áreas do conhecimento. Ou seja, permanece a concentração de mentes pensantes e os grandes nomes da academia em universidades como a UFRJ, a USP, a Unicamp, a UFMG, a Unisc e a UFRGS, e no nosso caso, temos o caso da UFPA que detém a liderança dentro da Amazônia com o Programa de Pós-Graduação do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA). Porém, se posso dizer que o interior avançou nos últimos anos em relação ao centro, foi por conta da

política de interiorização do ensino superior federal das universidades e do instituto federal, que tem a capacidade de abrigar importantes agendas de pesquisas relacionadas às especificidades territoriais. No nosso caso no interior do Pará temos avançado por intermédio do PPGPAM, nosso mestrado acadêmico com uma agenda muito importante, pois estamos diante de dois processos avassaladores, quais sejam a expansão da extração da mineração pelo complexo minerário da S11D em Canaã dos Carajás e em Parauapebas, e a extensão da pecuária bovina que está adentrando do Sudeste para o Norte o uso das terras, em forma de pastagens. E em meio a isso temos ainda à pujante especulação imobiliária. Outros exemplos da interiorização do ensino superior podem ser averiguados nos casos da Urca em Crato e da Universidade Federal de Juazeiro, bem como o caso da universidade estadual do Rio Grande do Norte (UERN) com o caso do Programa de mestrado do Plandites. Então eu colocaria a minha resposta não na personalização dos autores e autoras que são nossas referências no regional para tentar delimitar os embates, mas na formação de novas universidades federais e novos programas de pós-graduação com agendas de pesquisas que não necessariamente devem buscar o anseio da verdade do saber científico no campo simbólico, mas que tratam de temas que são vinculados às especificidades.

10. Considera uma rede internacional de debate na área do Desenvolvimento Regional? Quais autores e países estão envolvidos nessa dinâmica?

É uma ótima questão, pois quando pensamos no Desenvolvimento Regional geralmente pensamos em nossos patronos como Celso Furtado, Wilson Cano, Tania Bacelar Araújo, Clelio Campolina Diniz e por aí vai. Organizo a minha resposta começando dos clássicos autores que elaboraram as teses do subdesenvolvimento, como Gunnar Myrdal, Albert Hirschman, Perroux, que teorizaram a análise pelas desigualdades regionais nos países subdesenvolvidos, porém com pouca aplicação devido à formação colonial dos países da América Latina, mas que trouxeram um combo de ideias que possibilitaram os autores clássicos brasileiros referidos avançarem na sistematização do debate sobre as desigualdades regionais, como dualismo estrutural, concentração industrial e desconcentração industrial espúria e virtuosa, desigualdades intra-regionais pela fragmentação produtiva etc. Sinalizo que há o livro organizado por Clélio Campolina Diniz, “Políticas de desenvolvimento

regional: desafios e perspectivas à luz das experiências da União Europeia e do Brasil, em 2007, do qual há abrangente temas que foram influenciadas no planejamento territorial na União Europeia, do qual houve um diálogo com a equipe que compôs a primeira versão da Secretária do Desenvolvimento Regional (2003-2006). Carlos Brandão fez um ótimo trabalho buscando resgatar o diálogo com autores(as) latino-americanos(as) ao publicar em 2018 o livro “Teorias e políticas do desenvolvimento latino-americano” em parceria com o Centro Internacional do Centro Celso Furtado (CICEF), fortalecendo a discussão com Víctor Ramiro Fernández sobre as funções do Estado nessa rodada do neoliberalismo. Indo além, há uma agenda muito profícua para avançar em garimpar quais são os autores(as) que estão tratando a temática do desenvolvimento territorial e regional fora do Brasil, para sabermos quais são as categorias que possuem peso na análise e quais são os níveis de desigualdades que balizam esses estudos.